

Nini Andrade Silva



TEXTO DE LUÍSA GODINHO | FOTOGRAFIAS DE PAULO ALEXANDRINO

A SENHORA DO RAFFLES

DE SAPATOS RASOS, COM UMA MALA QUE QUASE CABE NA CABINE DO avião, assim parte Nini Andrade Silva para as suas viagens orientais, primeiro deitada nas cadeiras de classe executiva, depois pisando as alas silenciosas dos grandes hotéis, lugares míticos que reteve no olhar como se lhes tirasse uma fotografia. Tinha partido em trabalho graças a sócios generosos que compreenderam que enviá-la ao que de melhor se fazia na hotelaria do maior continente do mundo era muito mais do que uma viagem: era um investimento. E foi assim que esta pintora de 41 anos, dona de si própria mas cidadã do mundo, autora de quadros minimalistas já na posse do investidor Joe Berardo, se fez ao ar num dia de Fevereiro deste ano, rumo às feiras internacionais, hotéis de cinco estrelas e aos melhores restaurantes que o Oriente produziu no últimos anos. Tinha como missão estudar o que os outros desenhavam e propunham do outro lado do mundo em matéria de design. Estudar os materiais, as formas, as cores e os preços. Estudar tudo e anotar num dos blocos de notas que levou as conclusões mais importantes, que isto da viagem não permite muita bagagem de mão, quanto mais tralha informativa que só distrai do essencial. Nini partiu sozinha e foi sozinha que viajou até Bangueroque, Filipinas, Singapura, Malásia, Indonésia, Filipinas, Tailândia, China e Índia, por esta exacta ordem, que os factores aqui não são aleatórios. Teve a sorte de cair em Bali, na Indonésia, no exacto dia em que se festejava o ano novo, comemoração que, ao contrário do estrilho ocidental, se faz num dia de silêncio que todos cumprem religiosamente. O comércio fecha, não há carros nas ruas e as vinte e quatro horas que a Terra leva a dar a volta ao Sol (ou será o contrário?) são dedicadas à meditação sobre o ano anterior, os feitos e desfeitos, boas e más acções. Foi talvez nisto tudo que se viu mergulhada ao fim de não sei quantos dias de viagem solitária, durante o serão passado no quarto de hotel frente ao televisor e ao tabuleiro do *room-service* onde lhe foi servido o jantar. Desta viagem impossível que durou quase dois meses, reteve ainda: a cara do empregado do hotel que ficou a sorrir para a fotografia; os miúdos pobres que brincavam na lama; os jardins secretos que vislumbrou; as alas silenciosas dos grandes hotéis onde não se vê ninguém durante quilómetros; a cama com dossel para onde se atirou ao fim do dia; o aquário na cozinha do restaurante chinês, onde se pescavam peixes maravilhosos para o jantar; o sabor leve do chá branco que, lá, custa mais do que uma grama de ouro e o de um outro, maravilhoso, nascido de uma flor seca e escura que se abre numa espécie de nenúfar cor-de-rosa quando se deita na água quente do bule. Tudo isto lhe ficou desta viagem aos extremos do Extremo-Oriente – assim como o rosto do empregado do hotel Raffles, em Singapura, que a veio buscar ao aeroporto de luvas brancas nas mãos, dizendo que só podia ser ela a senhora por quem ele esperava. “You have the Raffles style, madame!”, disse-lhe à chegada. E foi dele que se despediu, em lágrimas, no dia da partida. ■

atasasa Da viagem aos extremos do Extremo-Oriente, Nini Andrade Silva reteve, entre outras coisas, o rosto do empregado de hotel, em Singapura, que a veio buscar ao aeroporto de luvas brancas



Viagem portátil

Se é daqueles maníacos urbanos que não viaja sem um computador portátil, não se esqueça de embalar o aparelho em mala própria.

Afinal, as máquinas também têm direitos!

Saco para computador da Crumpler, 49,90 euros

Catering

Se é um viajante aéreo nato ou se gostava de o ser, há um site por onde tem de passar: é o www.airlinemeals.net e contém de tudo o que se pode saber sobre comida a bordo. Porque o universo do avião é um mundo em miniatura onde tudo é pensado para ser uma espécie de "sofisticação geograficamente controlada", ou seja, para poder dar o máximo prazer no mínimo espaço possível. Pode conhecer as ementas dos passageiros e as da tripulação, as ementas especiais e os menus completos.



Gotas permitidas

Não se atreva a entrar num avião com uma garrafinha de *spray* refrescante que o mais certo é os seguranças do aeroporto ficarem com ela para animar as horas vagas. Leve um vaporizador como este, com água Evian, e deite umas gotas sobre o rosto para aliviar as torturas da viagem... ou para dissipar os odores menos próprios do senhor que vai a seu lado.

Vaporizador Evian 150ml, 8,35 euros

A minha mala

Uma mala pequena onde cabe o essencial: conjuntos de calças e t-shirts de algodão que, enfeitados por acessórios variados, são transformáveis em mil e um fatos para ocasiões diferentes. "Servem para andar nos mercados durante o dia, fazer *jogging* pela manhã e entrar em jantares de cerimónia, se os houver". E vão arrumados em monte a meio da mala, ao lado de chinelos, sapatos e uma mala de brilhantes para a noite. No cimo de tudo, um *nécessaire* com cremes, perfumes e maquilhagem. Dentro do porta-moedas, umas santinhas minúsculas garantem sorte à viajante.

Reuerdo

Nini não gosta de discrição: gosta de surpreender e tudo aquilo em que toca ganha dimensão, desde os quadros brancos que pinta até este anel gigante com uma turquesa pouco cerimoniosa que comprou em Banguécoque num Centro Comercial de que não guarda memória. Nini gostou da cor mal vislumbrou a peça na montra da loja e logo anteviu que aquela rodela azul haveria de ajudá-la a levantar o ânimo nos dias em que o mundo lhe parecesse ter pouco mais do que o seu tamanho real. Por isso o comprou e por isso o escolheu como recordação dessa viagem lendária que fez ao Oriente. Uma memória de dias bons.

